

HUMOR GRÁFICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: IRREVERÊNCIA E CRIATIVIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM CRIANÇAS

*GRAPHIC HUMOR AND ENVIRONMENTAL EDUCATION: HUMOR AND
CREATIVITY IN PEDAGOGICAL PRACTICES WITH CHILDREN*

*HUMOR GRÁFICO Y EDUCACIÓN AMBIENTAL: IRREVERENCIA Y
CREATIVIDAD EN LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS CON NIÑOS*

Wagner Valente dos Passos

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental
da FURG.

Elisabeth Brandão Schmidt

Doutora em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela.
Docente do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da FURG.

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Rio Grande – RS – Brasil

Endereço:

Av. Italia km. 08
Pavilhão 4 - Sala 4112 A
Campus Carreiros - Rio Grande - RS
CEP: 96203-900

E-mails:

w-passos@hotmail.com
elisabethlattes@gmail.com

RESUMO: Este artigo é derivado da dissertação de mestrado intitulada “Humor Gráfico: linguagem e crítica para uma Educação Ambiental sem fronteiras”, cujo objeto de pesquisa foi a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, realizada durante o V CPEASUL – Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul do Brasil e o IV EDEA – Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande em 2012. O presente artigo trata da aproximação entre o humor gráfico e a Educação Ambiental, utilizando os cartuns que integraram a mostra e o trabalho dos cartunistas Edgar Vasques e Renato Canini, a título de exemplo de como a charge, o cartum, as tiras e os quadrinhos podem constituir-se disparadores da reflexão e da estética de produção de desenhos para potencializar as relações da criança com o ambiente. Nesse processo será acionada a capacidade criativa e outras formas de pensar, compreender e interagir com as realidades do mundo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Humor gráfico. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT: This paper is derived from a Master's thesis entitled "Humor Gráfico: linguagem e crítica para uma Educação Ambiental sem fronteiras" (Graphic Humor: language and criticism for an Environmental Education without frontiers). The object of research was the 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental (First International Exhibition of Humor on Environmental Education) carried out during the V Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul do Brasil (V Colloquium of Researchers in Environmental Education in the South Region of Brazil - V CPEASUL) and the IV Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental (IV Meeting and Dialogs with Environmental Education - IV EDEA). Both events were organized by the Post-graduate Program in Environmental Education of the Universidade Federal do Rio Grande, located in Rio Grande, RS, Brazil, in 2012. This paper deals with the interface between graphic humor and Environmental Education, through the use of cartoons shown in the event, and also through the work of cartoonists Edgar Vasques and Renato Canini, as examples of how satirical caricatures, cartoons, comic strips and comic books can trigger reflection and the aesthetic production of drawings in order to potentialize the child's relationship with the environment. In this process, the child's creative capacity and other ways of thinking, understanding and interacting with the realities of the world will be activated

Key words: Environmental Education. Graphic humor. Pedagogical practices.

RESUMEN: Este artículo deriva de la Disertación de Maestría intitulada "Humor Gráfico: lenguaje y crítica para una Educación Ambiental sin fronteras", cuyo objeto

de investigación fue la 1ª Muestra Internacional de Humor sobre Educación Ambiental, realizada durante el V CPEASUL – Coloquio de Investigadores en Educación Ambiental de la Región Sur de Brasil y el IV EDEA – Encuentro y Diálogos con la Educación Ambiental, promovidos por el Programa de Posgrado en Educación Ambiental de la Universidad Federal de Rio Grande en 2012. El presente artículo trata de la aproximación entre el humor gráfico y la Educación Ambiental, utilizando las historietas que integraron la muestra y el trabajo de los dibujantes Edgar Vasques y Renato Canini a título de ejemplo de cómo la caricatura, la historieta, las tiras y las viñetas pueden constituir disparadores de la reflexión y de la estética de producción de dibujos para potencializar las relaciones del niño con el ambiente. En ese proceso será accionada la capacidad creativa y otras formas de pensar, comprender e interactuar con las realidades del mundo.

Palabras clave: Educación Ambiental. Humor gráfico. Prácticas pedagógicas.

O HUMOR GRÁFICO E A SUA ORIGEM

Surgido no mais remoto princípio da humanidade, o humor gráfico atravessou séculos sem receber a merecida atenção em estudos acadêmicos e por parte da própria sociedade. Tratado como algo sem valor, foi relegado a uma posição inferior pelas elites, atravessando a história de forma marginal, devido ao seu potencial crítico, à identidade e à origem popular.

As primeiras sátiras gráficas aparecem em desenhos pré-históricos, nas quais os inimigos eram representados com cabeças de gazelas para simbolizar a sua covardia. Posteriormente, na Antiguidade, também são identificados registros entre os egípcios, os gregos e os romanos (FONSECA, 1999, p. 42-45; MAGNO, 2012, p.18). O humor gráfico sempre se fez presente na história da humanidade, acompanhando as demandas e as evoluções culturais e políticas, seja na forma de uma caricatura, ridicularizando um rei nos muros da cidade;

seja em gravuras de artistas consagrados, como Goya e Daumier, ou ainda nas páginas de jornais como *O Pasquim*.

Segundo Fonseca (1999, p. 22), o humor tem sua origem na terminologia médica, que assim denomina qualquer fluido do nosso corpo, tal como o humor aquoso ou o humor vítreo do globo ocular. Na medicina medieval, os quatro humores do corpo humano eram o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra. Supunha-se que uma pessoa era saudÁvel quando todos os quatro estavam combinados em harmonia no seu corpo. DaÍ o bom humor, ou seja, estar feliz, responsÁvel e eticamente potencializado para viver consigo, com os outros e com a natureza.

O perÍodo em que surge, de fato, o humor grÁfico, primeiramente denominado caricatura, é o Renascimento, movimento cultural, polÍtico e filosófico que ocorre na Europa entre os séculos XIII e XVIII, representando o retorno à cultura clÁssica greco-romana, tanto no plano artÍstico quanto na maneira de pensar. O Renascimento trouxe a redescoberta do valor e das possibilidades do homem, que passou a ser considerado o centro de todas as coisas, assinalando, com isso, o fim da Idade Média e o inÍcio da Idade Moderna. (FONSECA, 1999, p. 49; MAGNO, 2012, p. 18). Nesse levante, destaca-se Leonardo da Vinci (15/04/1452 – 02/05/1519) como um dos primeiros artistas a explorar a tÉcnica da caricatura, desenvolvendo desenhos que valorizavam as formas grotescas de pessoas, assim como Giuseppe Arcimboldo (c.1527 – 11/07/1593) e Michelangelo Buonarotti (06/03/1475 – 18/02/1564).

Ao se adentrar os campos de estudos do humor grÁfico e da Educação Ambiental, identifica-se uma grande aproximação de objetivos: na origem das primeiras caricaturas, no surgimento dos jornais caricatos do sÉculo XIX e, atualmente, na charge e no cartum. Isso permite estabelecer constantes relações, principalmente quanto às preocupações que motivam os dois campos ao engendramento de frentes de transformação social e de preservação ambiental. Porém, é necessÁrio destacar que nem todo o trabalho de humor grÁfico tem por objetivo a denÚncia e a ação polÍtica, social e ambiental. Da mesma forma, nem toda a educação ambiental vem se apresentando como transformadora, sendo, por vezes, indevidamente apropriada como instrumento de *marketing* por parte de grandes empresas poluidoras e alguns ditos educadores ambientais, na realização de consultorias e garantia do prÓprio emprego e renda, em ações de compensação que visam mitigar impactos ambientais e sociais sem problematizÁ-los, criando a miopia de uma imagem ambiental e socialmente responsÁvel (SANTOS et al., 2013, p. 245-274).

Trata-se da posição questionada por Guattari (1990, p. 11), ao afirmar que a instauração de imensas zonas de misérias, em longo prazo, fome e morte, são partes integrantes do monstruoso sistema de “estimulação” do capitalismo mundial interligado. É nessa relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra a humanidade, comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva (GUATTARI, 1990, p. 8).

É do ponto crítico desse fatalismo submisso, dito imutável que, em vez de implodirem, explodem os movimentos sociais aos quais se assistiu nos meses de junho e julho de 2013, no Brasil, integrando as grandes manifestações populares que já vinham ocorrendo na Europa desde 2008, com a Crise Financeira Mundial; em 2010, com a Primavera Árabe no Oriente Médio e no norte da África e, em 2011, com o *Occupy Wall Street*. São esses os conflitos indicadores de que algo realmente não anda bem. Conflitos aparentemente locais, mas que configuram um fenômeno mundial ocorrido em cadeia, resultado da fluabilidade da nuvem econômica do capital especulativo, que não respeita fronteiras e se instala em regiões onde pode obter o maior lucro possível, com o menor custo, independentemente dos impactos causados (AUGÉ, 2010, p. 15-22).

O pano de fundo objetivo é uma crise social, econômica e financeira que se arrasta desde 2008 e tem como consequências a carestia dos gêneros alimentares e o aumento do desemprego, mas o grande impasse que está presente é a ausência de alternativas políticas organizadas. Os movimentos se manifestam em rebeliões praticamente espontâneas contra as estruturas políticas partidárias e sindicais vigentes, mas sem forjar ainda uma nova articulação orgânica e representativa dos anseios de transformação e ruptura. (CARNEIRO, 2012, p.8).

A história do humor gráfico confunde-se com a das lutas sociais e ambientais e delas participa, conforme acontece com os jornais caricatos espalhados por todo o Brasil e pelo mundo a partir do século XIX, ou mesmo durante a ditadura militar, com o jornal *O Pasquim*. Hoje, com a popularização da internet e com as centenas de páginas que publicam e republicam charges pelas redes sociais, a imagem predomina como forma de comunicação. Diversas charges e cartuns denunciam e criticam a corrupção, problematizando e trazendo para o debate as ações do estado serviçal ao capital, o qual se incompatibiliza com as demandas sociais e ambientais.

É a capacidade dos cartunistas de sintetizarem e demonstrarem, por meio do desenho, sua identificação, ação e solidariedade para com as questões sociais e ambientais que possibilitam a apresentação dos problemas de um ponto de vista diferente, motivador e legitimador daqueles que estão em luta.

Unem-se as demandas e os cartazes em nome da sobrevivência (HARVEY, 2012), questionando os níveis estarrecedores de exploração nos locais de trabalho e integrando trabalhadores criativos e artistas, cujos talentos são tantas vezes transformados em produtos comerciais pelo poder do dinheiro.

De fato, os cartunistas atuaram fortemente nas lutas sociais ocorridas no século XIX, com a popularização da imprensa, principalmente na Europa e, posteriormente, em outros locais, como o Brasil. O advento da litografia possibilitou a reprodução dos desenhos com maior qualidade, oportunizando o surgimento de diversos jornais caricatos, os quais ganharam grande destaque e muitos leitores, não apenas pelo potencial gráfico e pela revolução estética na época, mas por serem jornais que se comunicavam por meio de imagens, alcançando a grande camada da população que não sabia ler nem escrever. Conforme censo realizado no Brasil, em 1872, 81,4% da população era analfabeta.

O aparato tecnológico do século XXI apresenta-se como uma faca de dois gumes, permitindo tanto a difusão de mensagens, ideias e imagens quanto o monitoramento, a identificação e, conseqüentemente, a censura e a punição das pessoas que as criam e as propagam. Essas ações de controle social empreendidas pelo estado fazem repensar a dita liberdade de expressão no espaço internet. O mesmo passa a servir as relações de propaganda e consumo, obrigando as articulações sociais a fazerem retornar antigas formas de organização e publicização, como reuniões presenciais, publicações independentes em formato impresso e pichação de muros como forma de debate e manifestação.

Por apresentar os anseios e ser uma síntese gráfica dos reclames e da voz do povo, o humor gráfico raramente integra as disciplinas dos cursos de graduação de artes ou de comunicação, como estudo e forma de expressão. No entanto, sem a pompa construída pelos críticos de arte, pôde se desenvolver de maneira simples, com pouca sofisticação plástica, na maioria das vezes, produzido de forma rápida, quase infantil, necessitando apenas de uma ideia, um lápis e um papel.

O humor gráfico, por meio do riso, promove a reflexão a respeito de vários temas que se relacionam à educação ambiental, oportunizando, pelo desenho, não apenas a denúncia, mas também a crítica e a vontade de transformar. Uma proposta pedagógica que poderá ser utilizada na escola ou em qualquer lugar onde possa ser exposto um desenho, a fim de construir outras perspectivas e possibilidades de futuro, em vez da aceitação da condição e do fracasso social como situação dada.

A caricatura e o humor são formas de opinião e muitas vezes, mesmo nas épocas de repressão e de censura, são forma sutil e nem por isso menos poderosa de protesto, contestação e subversão. Uma forma expressiva de arte, desde as suas origens, uma arma ferina e terrorista, uma arma aguçada que o povo aplaude ao ver ridicularizadas nela a força, o despotismo, o autoritarismo, a intolerância e a injustiça. (FONSECA, 1999, p. 3).

A CAUSA AMBIENTAL E SOCIAL NO HUMOR GRÁFICO

A temática ambiental, no humor gráfico, começou a ser abordada ainda nos anos 70, com maior ênfase, por dois cartunistas gaúchos: Edgar Vasques (Porto Alegre – RS, 5 de outubro de 1949), com o personagem Rango; e Renato Canini (Pará – RS, 22 de fevereiro de 1936; Pelotas – RS, 30 de outubro de 2013), com o personagem Tibica, o defensor da ecologia.

Segundo Erico Verissimo, autor de clássicos da literatura, como *O tempo e o Vento* e *Incidente em Antares*,

Rango é um herói de nosso tempo, de todos os tempos. Se há sarcasmo neste pequeno livro que nos faz rir e pensar, esse sarcasmo será menos do artista do que uma imposição inelutável dos temas de que ele trata. Recusando a alienação, o caricaturista Vasques combate a miséria com as grandes e nobres armas de que dispõe: pena, tinta, espírito de solidariedade humana... e talento (VERISSIMO apud VASQUES, 1974, p. 3).

O personagem surgiu no auge da ditadura militar e representa um mendigo que mora em uma lata de lixo e tenta diariamente sobreviver. Questiona a política, a sociedade, os modos de produção, o consumismo, o capitalismo, a degradação do planeta e tantos outros temas que fazem parte das abordagens trabalhadas pela Educação Ambiental.

Rango sempre procura refletir essa tragicomédia. E se algum leitor mais jovem, ao se defrontar com temas como ditadura, tortura, censura, inflação, cruzado, constituinte etc... sentir-se motivado a pesquisar e se informar, a tirinha do Rango, na velha tradição de pensar sobre o país, terá mais uma vez cumprido seu papel. (VASQUES, 2005, p. 7).

Figura 1 – Tiras do Rango



Fonte: Vasques (1974).

Já Renato Canini começou ainda jovem, aos vinte anos, produzindo trabalhos na revista infantil *Cacique*, publicada no estado do Rio Grande do Sul, no período entre 1954 e 1963, pelo Centro de Pesquisas e Orientação

Educacionais – CPOE/RS, da Secretaria de Educação e Cultura e distribuída nas escolas de todo o estado.

Canini lançou o personagem Tibica, em 1978, para o projeto Tiras, da editora Abril, para a qual trabalhava desde 1970, ocasião em que ingressou para desenhar o personagem Zé Carioca, pelo qual ficou bastante conhecido – mesmo sem ser permitida sua assinatura nos quadrinhos – não apenas por abraçar o personagem da Disney, mas pelo tom social que apresentava em suas histórias. É com Tibica, porém, que Canini iria manter uma relação de afeto e realizaria, de modo próprio, a educação ambiental por meio de seus quadrinhos.

Mary Weiss, jornalista, escritora e homenageada com o prefácio do livro *Tibica, o defensor da ecologia*, descreve muito bem a ligação e as possibilidades de educação ambiental que as tirinhas do menino indígena oferecem:

Tibica é um personagem ecológico que, unindo seu amor a Deus e à natureza, faz críticas à violência, à devastação das florestas, à poluição e à exploração do índio pelo branco. Defensor da ecologia, demonstra que o assunto é atual desde os tempos bíblicos. Valores antigos em constante renovação. Anti-herói e antiviolência, apesar de os meios de comunicação e até mesmo os quadrinhos estarem carregados de violência como nunca. Dizem que são os tempos, mas isso não justifica... Às vezes satírico, outras vezes fazendo uso de seu ser poético, Tibica conversa com as plantas e com os animais. Sua comunicação carregada de graça, sutileza e humor atrai não só as crianças como também os adultos. (WEISS apud CANINI, 2010, p. 5).

Em relação a Tibica, é importante registrar algumas palavras do próprio autor:

Por muito tempo fiz cartum para divertir, mas acredito que temos de aproveitar a oportunidade, justificar o sacrifício das árvores derrubadas para impressão com algo mais. Acho que é o trabalho mais importante da minha vida. Bem mais importante que as cento e poucas histórias que desenhei do Zé Carioca. (CANINI, 2010, p. 95).

Renato Canini viveu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, com a sua esposa, Maria de Lourdes. Lançou em 2012 o livro *Pago Pra Ver*, no qual também apresenta a temática ambiental, retratando, em uma série de cartuns e grafismos, a vida do gaúcho no pampa, mostrando a beleza, a melancolia, o trabalho, as dificuldades, a concentração da terra pelo latifúndio, o êxodo rural e a urbanização.

relacionadas às problemáticas sociais e ambientais. O cartunista coloca-se como um educador ao permitir que sua prancheta preencha-se de irreverência, solidariedade e criticidade em situações nas quais o oprimido não possui a quem pedir socorro. O cartunista torna-se apenas o meio, aquele que dá vida e voz, por meio do cartum, às inquietudes do povo.

A IRREVERÊNCIA DO CARTUM NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM CRIANÇAS

A pesquisa intitulada *Humor Gráfico: linguagem e crítica para uma Educação Ambiental Sem Fronteiras* utilizou como objeto de pesquisa a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, a qual reuniu 142 cartuns de 142 cartunistas, originários de 38 países: Alemanha, Argentina, Armênia, Austrália, Bélgica, Bielorrússia, Bósnia Herzegovina, Brasil, Bulgária, Cazaquistão, China, Chipre, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Cuba, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Irã, Israel, Macedônia, México, Peru, Polônia, República Checa, Romênia, Rússia, Sérvia, Tailândia, Turquia, Ucrânia, Uruguai, Uzbequistão e Venezuela, resultado da seleção realizada em um universo de 354 trabalhos recebidos. A exposição foi realizada durante o V CPEASUL – Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul do Brasil e do IV EDEA – Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, entre os dias 25 e 29 de setembro de 2012.

A pesquisa caracterizou-se pela natureza qualitativa e pelo caráter exploratório, a partir de uma amostra não probabilística por julgamento dos 142 cartuns, realizando, em paralelo, entrevistas, por meio de perguntas semiestruturadas, gravadas e transcritas, direcionadas aos educadores ambientais que prestigiaram a mostra e interagiram com os cartuns.

O problema que motivou a realização da pesquisa foi: em que sentido e de que forma o humor gráfico, como linguagem, potencializa processos de educação ambiental? Teve, portanto, como objetivo geral, a partir das relações entre o humor gráfico e a Educação Ambiental, compreender em que sentido e de que forma o humor gráfico potencializa processos de Educação Ambiental.

Entre os objetivos específicos que motivaram a elaboração deste artigo, destaca-se: compreender, por meio do cartum, como o cartunista relaciona-se com problemas ambientais locais e globais, assim como identificar as

possibilidades e as limitações do humor gráfico em processos de Educação Ambiental no contexto escolar, por meio das entrevistas com os pesquisadores e os educadores ambientais que interagiram com os cartuns expostos na 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

A categorização dos cartuns ocorreu a partir dos problemas socioambientais apresentados nos desenhos e foi inspirada na cartografia das correntes em Educação Ambiental, proposta por Lucie Sauv e, a qual apresenta diversas abordagens do campo, agrupando por identifica o, a partir de um contexto de interven o proposto, reagrupando proposi es semelhantes em categorias, relacionando suas divergências, pontos comuns, oposi o e complementaridades (SATO et al., 2005).

Os dados empíricos foram sistematizados e discutidos   luz de teóricos como Félix Guattari, Eduardo Galeano, Ariel Dorfman, Karl Marx, Paulo Freire, Jiddu Krishnamurti, Lucrécia D'Aléssio Ferrara, David Harvey, Mich le Sato, entre outros.

Durante a apresenta o da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educa o Ambiental, na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, uma turma da primeira série do ensino fundamental da E.M.E.F. Cidade do Rio Grande – CAIC, acompanhada de sua professora, visitou e interagiu com os cartuns da mostra. Foi interessante observar o comportamento das crianças, já que, para muitas delas, era a primeira vez que prestigiavam uma exposi o de arte. A rela o com os trabalhos era de grande alegria: as crianças buscavam a todo o momento comentar cada cartum e, entre risadas, refletiam e faziam suas próprias observa es quanto aos temas abordados em uma viagem de traços distorcidos e formas que imergiam diretamente no universo fantástico infantil.

Importante registrar o depoimento da professora Tania Mara, que acompanhou as crianças durante a visita   mostra:

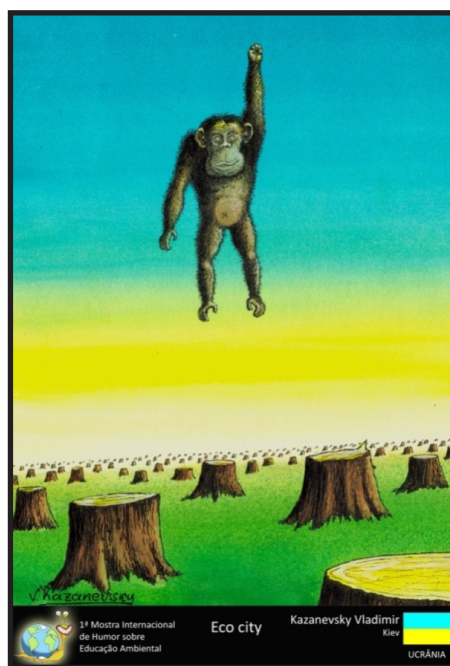
O que estou observando    timo. Porque chama bem a aten o do meio ambiente, dos problemas. Ainda que na linguagem infantil eles estão vendo, porque a gente trabalha muito em sala de aula com eles. Se fala bastante sobre meio ambiente por que eles observam; depende da gente muitas coisas que estão acontecendo.   na idade que eles estão que a gente tem que começar a ir trabalhando, mostrando para eles quanto que depende de nós para a gente ter mais qualidade de vida.

Uma das grandes curiosidades das crianças estava relacionada às bandeiras dos países, as quais passaram a ser instrumento de brincadeira entre elas, que desafiavam uma a outra a adivinharem qual país estava ali representado. Como ainda estavam em processo de alfabetiza o, algumas tentavam ler o nome do país, colocado abaixo da bandeira. Assim, tiveram não apenas a possibilidade de refletir sobre questões ambientais, mas também a de realizar um exercício

de pertencimento, o qual ultrapassava os limites de seus bairros, da cidade e do país, tornando aquele momento importante, tendo em vista tratar-se de uma exposição que recebia trabalhos de cartunistas de todo o mundo.

A mesma mostra foi apresentada em Montevideu, no Uruguai, a convite do Ministerio de Educación y Cultura, entre os dias 13 e 16 de novembro de 2012 e em Cuiabá, no estado do Mato Grosso, durante o 2º Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos, realizado de 9 a 13 de setembro de 2013. Durante a montagem em Cuiabá, percebeu-se que a exposição estava sendo disposta apenas para os adultos. Ao colocar os trabalhos também na altura das crianças, elas sentiram-se à vontade para interagir e, uma vez contempladas, passaram a conversar e a comentar os trabalhos com seus professores, pais e amigos.

Figura 3 – *Eco city*, cartum de Vladimir Kazanevsky



Fonte: 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental

A experiência vivida durante a pesquisa propiciou a reflexão relativa às possibilidades do cartum para a efetivação da Educação Ambiental no contexto escolar. Um único cartum permite que se inicie um processo de debate e contextualização de diversos temas ambientais. Além do exercício de articulação do local com o global, a criança também estará sendo estimulada a estabelecer relações e a refletir sobre os problemas que ocorrem na própria casa, na quadra, na rua, no bairro, na cidade, ampliando a dimensão do exercício de pertencimento e compreendendo a necessidade de transformação a partir dos próprios atos e da ação em comunidade.

A imagem icônica como linguagem, síntese de um conceito, oferecida pelo humor gráfico, aliando-se à Educação Ambiental, age como um disparador, permitindo, assim, com profundidade, o início de um diálogo.

Algumas limitações do uso do humor gráfico, articulado à Educação Ambiental, foram apresentadas na pesquisa, destacando-se a necessidade de adaptação da linguagem para deficientes visuais e a falta de formação de professores que conheçam a linguagem e o processo de produção de charges, cartuns e quadrinhos, a fim de que possam otimizá-los e adaptá-los em sala de aula.

A utilização do cartum, nas práticas pedagógicas, apresenta-se como uma alternativa criativa que propõe o questionamento, o pensamento crítico, a não aceitação e a não submissão aos impactos sociais e ambientais. O fato de estarem condicionadas a uma classe social, tanto a criança pobre, sem acesso aos recursos, quanto a criança rica, blindada em seu universo de segurança e consumo, não deve ser impedimento para sua relação com o mundo. Ao contrário, a criança precisa sentir-se convidada a imergir nas questões ambientais, contextualizando-as.

Uma das possibilidades pedagógicas surgidas nesta pesquisa foi a própria 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental; outras, entretanto, podem ser desenvolvidas. Por exemplo, o recorte e a coleção das charges de jornais para trabalho em sala de aula; a utilização das exposições *on-line* dos diversos salões e festivais de humor que ocorrem pelo mundo; o desenvolvimento de material didático específico, que capacite o professor a utilizar o humor gráfico em sala de aula e incentive as crianças a desenharem; o ensino da metodologia da produção de cartuns para que os estudantes possam fazer seus próprios trabalhos e promovam suas próprias exposições; a criação de blogues, jornais independentes e fanzines, que exponham e publiquem os cartuns criados; a pintura de murais ou grafites que exponham essas ideias pela cidade; a distribuição dos cartuns por meio de colagens ou *stickers* (adesivos); entre outras tantas possibilidades que ainda possam, assim, ser criadas e contribuam para a reflexão social e ambiental, local e global.

O humor gráfico pode potencializar a reflexão, não apenas na troca de ideias, mas também no incentivo às crianças para que desenvolvam os próprios cartuns, refletindo suas realidades, no tratamento das questões sociais e ambientais, com crítica, humor e arte. Nesse processo de formação de cidadãos e pessoas críticas e criativas, pode-se construir com as crianças reflexões relativas à ética e ao futuro, por meio de uma educação cuja proposta seja a transformação social e a preservação ambiental, oferecendo, no mínimo, a esperança de uma vida digna e a vontade de lutar por um mundo melhor.

1ª MOSTRA INTERNACIONAL DE HUMOR SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Disponível em: < <http://cpeasul.blogspot.com.br/p/1-mostra-de-humor-sobre-educacao.html> > Acesso em 22 set. 2013.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL UNESP, 2010.

CARNEIRO, Henrique S. Apresentação – rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David. et al. **Occupy, movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 7-14.

CANINI, Renato. **Tibica**, o defensor da ecologia. São Paulo: Formato Editorial, 2010.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

HARVEY, David. Os rebeldes na rua: o partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David. et al. **Occupy, movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 57-64.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

MAGNO, Luciano. **História da caricatura brasileira**: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.

RECENSEAMENTO DO BRAZIL EM 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=225477> Acesso em 07 ago. 2013.

SANTOS, Caio F.; ARAÚJO, Claudionor F.; PASSOS, Wagner V.; MACHADO, Carlos R.S. Conflitos no centro da educação ambiental. In: MACHADO, Carlos RS. et al. **Conflitos Ambientais e Urbanos**: debates, lutas e desafios. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 245-274.

SATO, Michèle. CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental**, pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

VASQUES, Edgar. **Rango 1**. Porto Alegre: L&PM, 1974.

_____. **Rango 35 anos**. Porto Alegre: L&PM, 2005.